

lição 1

___/___/___

A BÍBLIA E A CIÊNCIA

Estudo 1— A Teoria da Evolução — Parte I

Texto-Base: Hebreus 11:3

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: I João 2:16 5ª Feira: Salmo 104:25,30

3ª Feira: I Timóteo 6:3-4 6ª Feira: Colossenses 1:16-17

4ª Feira: João 1:1-3 Sábado: Jó 38:4

INTRODUÇÃO:

Neste trimestre comentaremos sobre um tema polêmico e controverso, mas cujas refutações bíblicas devem ser de conhecimento dos cristãos, as quais pretendemos apresentar nestas lições, com a ajuda do Senhor.

Tendo lançado as bases da visão conciliadora entre fé e ciência nas lições do segundo trimestre, aqui, por se tratar de um assunto extenso, iremos direto aos assuntos, dividindo-os nessas quatro lições que nos foram concedidas como espaço de estudo.

I. A Origem de todas as Coisas

Desde a infância os seres humanos apresentam uma grande curiosidade em saber como as coisas funcionam, como são feitas, ou, de onde vieram. Perguntas como “- Como foi que eu apareci?” ou, “Quando foi que Deus nasceu?”, são exemplos perfeitos deste grande desejo que, com o amadurecimento do indivíduo até a fase adulta, cresce e se encorpa de modo a justificar grandes empreendimentos financeiros na busca de explicações quanto a origem de todas as coisas. É evidente que tudo isso não ocorre apenas pelo fato de o homem não aceitar a Palavra de Deus como autoridade na explicação de nossas origens, mas porque não aceita Deus como autor, preferindo crer no fruto do acaso, mostrando sua índole ativa e soberba (I João 2:16; I Timóteo 6.3-4).

Apesar de as Escrituras revelarem grandes verdades, entre elas “O Princípio”, o homem, lançando mão apenas daquilo que seu olho consegue ver, teceu a famosa Teoria da Evolução, pela qual vem tentando negar a obra de Deus, desde 1859, quando Charles Darwin a publicou em seu famoso livro “A Origem das Espécies”, e sobretudo após 1920, quando, tendo sido divulgados os princípios da genética e da mutação, os chamados “neo-darwinistas”, cientistas pós-Darwin, fizeram algumas emendas na teoria original, as quais passaremos a tratar, deixando os estudos de Darwin para pouco mais adiante.

II. A Vida à partir do Nada, por Acaso

Atualmente, o homem utiliza o recurso de combinações de elementos para obter incontáveis produtos de seu uso e consumo, como faz com o etileno, agrupando suas moléculas até obter o polietileno (o plástico). Ele observou também que muitas moléculas presentes nas coisas vivas são encontradas nos elementos sem vida.

Devido a isso, raciocinou-se que toda a complexa população biológica do planeta poderia ter se iniciado à partir de um elemento inicial simples. Essa idéia resultou numa teoria que adotou-se como capaz de explicar a origem da vida, à partir do nada.

Os evolucionistas pregam ser perfeitamente possível que células simples como o metano, a água, a amônia e o dióxido de carbono tenham se combinado, através de descargas elétricas ou pela irradiação

solar, até que resultassem em moléculas grandes, favoráveis à vida, e assim, idealizaram uma atmosfera inicial, que teria havido há bilhões de anos atrás.

A teoria afirma que tendo havido as uniões das células conforme descrevemos, estas, através das chuvas, caíram no solo e foram arrastadas pelas águas e alojadas em lagos, rios ou oceanos, onde se tornaram numa “sopa concentrada” de moléculas orgânicas.

Dentro desse concentrado, as moléculas se conjugaram formando certas combinações que culminariam em moléculas realmente grandes, semelhantes às encontradas nos seres vivos.

III. Dando tempo ao Tempo

A teoria da origem da vida, descrita acima, enfrenta diversos problemas, como o de explicar o contexto dos acontecimentos. Nada dentro de seus relatos, isoladamente, é impossível, mas muito difícil de se acreditar no contexto geral, pois são um empilhado de milagres sem autor, tudo acontecendo como fruto do acaso.

A suposta atmosfera inicial teria de ter os elementos químicos certos, em situações climáticas certas, e muitos fatores favoráveis, pois, uma vez que se acredita ter a história se desenrolado num cenário vulcânico generalizadamente violento, as supostas moléculas, em certo momento, precisariam dos raios, enquanto que no outro, estes lhe seriam letais, e por isso, se concebeu a chuva que as levou à “sopa”, num tempo em que a superfície já estivesse suficientemente resfriada. Mais uma vez, dentro da sopa concentrada a água seria favorável inicialmente, mas desfavorável logo depois, então concebeu-se que esta célula fosse permeável nos primeiros momentos, mas que, graças a certas moléculas catalizadoras, conseguisse evitar a água depois.

Enfim, a teoria prossegue buscando abrir caminho através de possibilidades, como um aluno que tendo recebido do professor a resposta final de certa equação, se enveredasse por cálculos e suposições de modo a descobrir a fórmula utilizada sem fazer com que o resultado fosse outro senão aquele revelado pelo mestre.

Por causa das inúmeras barreiras de possibilidades favoráveis, usou-se a matemática para se calcular um tempo que possibilitasse a ocorrência de cada uma delas. Segundo um professor, de uma das mais conceituadas escolas de vestibular de São Paulo, “- *O ponto importante está na origem da vida pertencer à categoria dos fenômenos do “pelo menos uma vez”. Por improvável que julguemos esse evento (...) um intervalo de tempo suficientemente longo permitirá quase com certeza que aconteça pelo menos uma vez. (...) o herói de fato é o tempo. E o tempo com que contamos é da ordem de dois bilhões de anos (2.000.000.000) (...) Basta esperar: o tempo, por si só, realiza milagres*”.

A autoridade do professor vem de nomes famosos como Oparin e outros, todos embriagados pela experiência de se ter executado em laboratório o relato acima, da origem da vida, com exceção da etapa seguinte.

Conseguiu-se que em tubos de vidro com controle de elementos, temperatura, tempo, pressão e outros fatores, aparecessem na mini-sopa pequenas cadeias, parecidas com aminoácidos, as quais, se aquecidas, podem gerar moléculas parecidas com proteínas, e estas, como se sabe, seriam imprescindíveis a formação de um ser vivo.

Neste ponto, dizem os doutores: “*É evidente que a última etapa da hipótese de Oparin nunca poderá ser testada em laboratório, (...) para conseguirmos que um entre bilhões de agregados de moléculas se transformasse, por acaso, em ser vivo muito simples, precisaríamos de um laboratório tão grande quanto os mares primitivos, que tivesse um número infinitamente grande de agregados, além de um tempo infinitamente grande, que possibilitasse as inúmeras colisões e reações químicas para se obter, pelo menos, um sucesso*” (a vida).

Note, segundo estes cientistas, o ponto principal de tudo nunca poderá ser visto em laboratório, que é o aparecimento da vida. Ninguém sabe como ela apareceu (nesta teoria), mas eles procuram, como aquele aluno com sua equação, tentar traçar um caminho pelo qual a vida, por acaso, teria surgido. Como o aluno, os homens vêm o universo físico, resultado de uma obra magnificamente grande e complexa, e tentam formular a equação orientados unicamente pelo que seus olhos conseguem ver.

Conclusão

A ciência, na verdade, não dá à teoria aquilo que ela não merece. O título “teoria” é o primeiro problema dos evolucionistas. Uma teoria só recebe o título de “lei da ciência”, somente após ter sido muito bem testada e experimentada. A teoria da evolução não tem condições de cumprir essa exigência, pois ninguém, dentre os homens, estava presente quando tudo aconteceu (Jó 38:4).

Ainda que os homens conseguissem que a vida aparecesse, por acaso, em seus tubos de ensaio, ainda assim não teriam como provar que a vida de nosso planeta teria seguido aquele caminho, ou aparecido de uma ou de outra forma.

Por fim, verificando nosso texto base, notamos que será muito difícil o homem conseguir êxito nessa empreitada: *“Pela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus, de maneira que o visível não foi feito do que se vê”*

Perguntas para Revisão

1. Qual o desejo que os homens costumam nutrir desde sua infância?
2. Quais as duas coisas que levaram os homens a raciocinar sobre a provável origem das coisas vivas?
3. Na teoria da evolução quem é o grande herói e milagreiro?
4. Qual a parte da teoria, que apesar de ser a mais importante, nunca se conseguirá demonstrar em laboratório?

lição 2

___/___/___

A BÍBLIA E A CIÊNCIA

Estudo 2 — A Teoria da Evolução — Parte II

Texto-Base: Hebreus 11:3

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: Gênesis 1:11-13 5ª Feira: Gênesis 2:4-6

3ª Feira: Gênesis 1:20-23 6ª Feira: Jó 12:7-10

4ª Feira: Gênesis 1:24-25 Sábado: Salmo 148:1-10

INTRODUÇÃO:

Tendo “explicado” como a vida apareceu, a teoria da evolução prossegue em sua vasta coleção de milagres sem autor, ou como se queira, milagres do acaso.

I. A Vida e o Meio

Segundo os evolucionistas, havendo finalmente uma molécula que adquirisse vida (este momento não aparece explicado nos livros) ela teria que ser do tipo que retira seu alimento do meio onde vive, por ser mais simples e porque estaria rodeada pelas suas “irmãs” mau-sucedidas, das quais passaria a se alimentar.

Neste ponto, dizem os evolucionistas, apareceu um problema: pela abundância de alimento, a célula prima começaria a se multiplicar, e por isso, depois de algum tempo, o alimento se esgotaria. Aparece então em cena outro milagre do acaso: o nascimento de outra célula viva, de características vegetais, que constituiria um alimento renovável para o prosseguimento da vida, além de, pela fotossíntese, produzir oxigênio molecular, inexistente na época, o qual, com o passar de milhões de anos seria acumulado na atmosfera de modo a possibilitar o surgimento, por evolução, dos seres que respiram ar.

Assim sendo, com uma cadeia alimentar formada, apesar de muito primitiva, a suposta célula inicial teria ganhado condições de se desenvolver, multiplicar e se aperfeiçoar.

II. Fósseis: as Pedras que Falam

Da primeira célula viva e suas proles e variações não existem o menor vestígio em lugar nenhum. Mas deixando de lado este percalço, a escola da evolução bombardeia seus alunos com dezenas de estudos sobre probabilidades químicas, genéticas e matemáticas para, num lance rápido, passar ao estudo dos fósseis.

Chama-se fóssil, qualquer vestígio de qualquer ser que tenha vivido num passado remoto, sejam ossos, pegadas, ou corpos cristalizados em rochas sedimentares.

Examinando as diferentes camadas de rochas, que às vezes percebemos diferenciadas em penhascos e montanhas, os cientistas notaram que cada uma guardava dentro de si diferentes tipos de animais. Da mais baixa à mais alta, consideradas como sendo da mais antiga à mais recente, sucessivamente, foram encontrados, pela ordem, animais marinhos, animais marinhos nadadores, anfíbios, animais terrestres vagarosos, animais terrestres ágeis e aves.

Desta observação é que os evolucionistas pregam que a célula prima teria se desenvolvido e se aperfeiçoado ao ponto de originar variações que se desenvolveram cada uma em sua direção, mas todas num mesmo sentido, de modo a resultarem em diferentes animais, nas diferentes épocas, numa sucessão que, segundo a teoria, partiria das formas de vida mais simples às mais complexas, iniciando-se pelos animais marinhos e terminando nas aves, na ordem como aparecem nas rochas.

“Mas veja bem”, dizem ao iniciar seus parágrafos, “todo esse processo levou centenas de milhões de anos à cada variação das espécies”. É dito que, em certa época, os vegetais já vicejavam sobre a terra, e assim, alguns dos animais marinhos, em busca de novas opções de alimento, começaram a se transformar, e originaram os nadadores (como a foca e a morsa atuais), os anfíbios (como os sapos e salamandras atuais), evoluindo depois para os terrestres na forma de répteis, depois os mamíferos e as aves (cada fase com seus milhões de anos necessários, claro).

Como já vimos, os milhões ou bilhões de anos de tudo o que acontece na mencionada escola, não se encontra escrito em lugar algum, trata-se apenas de números a que se chegou após se calcular os tempos necessários para que, por acaso, cada “milagre” acontecesse.

Mesmo a geologia, ao datar as rochas ou os fósseis, pelos diversos métodos, usa como base o conceito de que tudo o que vemos hoje, cresceu e se desenvolveu, desde o início, na mesma velocidade e condições hoje presentes, para que seus números não neguem a teoria da evolução, conservando-se na faixa dos milhões ou bilhões de anos.

III. O que dizem os Fósseis?

A — Sua Idade

Os fósseis, quaisquer que sejam, sempre estão incrustados em lama, na qual, tendo sofrido grande pressão, foram cristalizados de tal forma que se pode ver, em muitos casos, pequenos detalhes originais.

Se os examinarmos sem compromisso com a teoria, veremos que se o processo de fossilização tivesse acontecido ao longo de milhões de anos, como ela sugere, não seria possível percebermos, por exemplo, os vestígios do corpo e da plumagem do Archeoptérix (pássaro fóssil muito conhecido) impressos na rocha, pois teriam apodrecido ou sido devorados muito antes da lama endurecer.

De igual modo, encontram-se em muitos lugares, sítios onde se encontram cardumes inteiros, com milhares de peixes fossilizados, mas com suas escamas intactas, e em posição de nado, como se um titânico incidente geológico os tivesse soterrado subitamente, e, exercendo grande pressão, os comprimisse na lama antes que pudessem apodrecer. Essa lama, hoje endurecida, é chamada de rocha sedimentar, e as podemos comprar com seus fósseis em lojas de souvenirs.

Além da grande quantidade e da posição dos fósseis, muitas outras evidências mostram que sua antiguidade não vem de tempos tão remotos quanto pregam os evolucionistas e que, ao contrário do que também afirmam, o processo de fossilização não teria sido tão lento, mas bem mais rápido.

B — Sua Origem

Não podemos provar que todos os fósseis existentes vieram de um único incidente geológico, mas temos o registro de um grande dilúvio universal que justifica muitas das características da maioria dos fósseis.

Na Bíblia encontramos o relato deste dilúvio, o qual detalha que as grandes águas inundaram um mundo muito mais rico em bio-diversidade e com características biológicas desconhecidas do mundo atual (a longevidade humana era uma).

Não podemos afirmar que houve apenas um único dilúvio universal (na Criação, por exemplo, a terra se encontrava sob as águas), mas a inundação global dos tempos de Noé, é confirmada por registros semelhantes na cultura e na história de pelo menos 25 povos gentílicos, ao redor do mundo.

C — A relação entre as espécies

Os fósseis não revelam que os animais da primeira camada de rocha tenham evoluído para os animais da segunda, ou de qualquer outra. Muito ao contrário, mesmo os fósseis mais antigos são animais biologicamente complexos. Além disso, não aparece em lugar nenhum um animal que seja um elo de ligação (metade um, metade outro), mas ao contrário, muitas espécies aparecem subitamente de uma camada de rocha para outra, de fato, já encontrou-se animais considerados mais “antigos” nas camadas superiores e animais “novos” nas mais inferiores.

Outro fato interessante, que é um problema para a teoria, é que muitos dos animais que eles consideram primitivos, na verdade, são animais mais complexos que os atuais. Como exemplo, temos o Estegossauro, o qual, desconfia-se que tenha possuído dois cérebros!, o pássaro Archeoptérix, possuía garras nas asas, além de dentes e mandíbulas de carnívoro. Estes dois exemplos não encontram nenhum similar atual. Se eles mostram alguma trilha de adaptação, esta então não segue no sentido da evolução, mas ao contrário, pois como vimos, os animais atuais parecem ser muito mais simples que alguns fósseis.

D — O intervalo entre as espécies

Por pregar tão confiantemente o tempo entre o desaparecimento de uma espécie e o aparecimento de outra, a teoria não consegue explicar como foi possível o aparecimento de pegadas humanas fossilizadas ao lado de pegadas de dinossauros na Espanha, ou pisando trilobites (um dos fósseis mais antigos conhecidos) no Texas.

Conclusão

Mais uma vez, vemos que tudo não passa de suposições que dificultam um perfeito raciocínio à respeito do que teria acontecido com todo o ecossistema pré-histórico, devido a um compromisso tolo com o sistema da evolução, o qual obriga que tudo tenha acontecido lentamente, que tudo tenha sistematicamente acontecido por evolução, simplesmente para que se mantenha a teoria.

Desta forma, concluímos ser impossível aceitar a teoria da evolução, pois teríamos que suportar a vergonha que os evolucionistas não sentem por uma tão clara exposição ao ridículo da incredulidade e ateísmo, além de termos de crer em montanhas de “milagres naturais”, tudo acontecendo por acaso e ao longo de milhões ou bilhões de anos.

Na Criação encontramos uma lógica mais racional, pois não importando os detalhes pelos quais o Criador tenha trazido à existência todos os seres vivos e o próprio universo, embora as Escrituras os relatem, com muito menos milagres, tudo se confirma pela interação que temos com O Ser Supremo, pela qual, testemunhamos Sua capacidade de encher de vida, não somente este, mas todos os planetas do universo (Heb 11:3), sejam necessários bilhões de anos, ou apenas 7 dias (II Ped 3:8).

Perguntas para Revisão

1. O que são fósseis?
2. Que saída os evolucionistas acharam para que a primeira célula não morresse de fome?
3. Cite dois animais “antigos” que demonstram maior complexidade que os atuais;
4. Cite dois dilúvios testemunhados pelas Escrituras;

lição 3

___/___/___

A BÍBLIA E A CIÊNCIA

Estudo 2 — A Teoria da Evolução — Parte III

Texto-Base: Atos 17:28

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: Gênesis 3:18-21 5ª Feira: Gênesis 27:11

3ª Feira: Jeremias 13:23 6ª Feira: Gênesis 1:21

4ª Feira: Números 13:33 Sábado: Romanos 1:20

INTRODUÇÃO:

Prosseguindo em nossa análise da teoria da evolução à luz das Escrituras, chegaremos agora até o ponto onde o homem “aparece”.

I. AS OBSERVAÇÕES DE DARWIN

Quando Charles Darwin (1809-1882), aos 22 anos, empreendeu uma viagem de 5 anos à América do Sul, ele passou todo esse tempo anotando suas observações e conclusões sobre as diferenças que notava nos animais e nas plantas que encontrava nos diversos continentes e ilhas por onde passava.

Segundo seus escritos, devido às ligeiras diferenças entre os animais, por exemplo, das ilhas Galápagos e do continente sul-americano, Darwin imaginou que se tais variações ocorressem com certa frequência, e ao longo de um período de tempo considerável, elas poderiam fazer com que indivíduos de uma espécie animal se separassem de seus semelhantes, se tornassem melhor adaptados que eles ao meio ambiente, e aos poucos, se tornassem relevantemente diferente daqueles, que também poderiam originar outras variações, ou acabar reprovados pela natureza e extintos. Esse é o fundamento de um dos pontos mais importantes da teoria: *a seleção natural*.

II – A VARIAÇÃO DAS ESPÉCIES

Entretanto, um problema que a teoria foge à explicação consiste no fato de que, se em cada ninhada de um animal qualquer, a cada geração, uma parte é eliminada por falta de adaptação, então o que teremos serão espécies cada vez mais iguais, e não cada vez mais diferentes de modo a originar novas espécies como prega a teoria. Então procurou-se mais uma saída para salvar a “escola”: o isolamento geográfico.

Imagine que em certo tempo houveram vários tipos de girafas, com diferentes tamanhos de pescoço. Imagine que por uma razão qualquer, um casal dentre elas tenha se afastado das demais e ido habitar em algum lugar distante. Suponha que neste novo lugar as condições ambientais sejam diferentes daquelas do ambiente original. Pois bem, segundo a teoria, isso seria suficiente para que neste último, devido às diferentes exigências de sobrevivência, fossem favorecidas as gerações de pescoço mais longo e eliminadas as demais, enquanto poderia estar ocorrendo o inverso no antigo habitat. Este é o ensino evolucionista de como ocorre a variação das espécies por isolamento geográfico.

III – AS MUTAÇÕES

Quando um animal qualquer nasce com variações físicas, como falta de pigmentação da pele (albinos), dedos a mais ou a menos, duas cabeças, etc., diz-se que houve aí uma mutação das características de seus progenitores. Pois bem, os evolucionistas também aplicam este fenômeno como artifício para explicar como possivelmente espécies diferentes poderiam ter aparecido. Eles falam de certas mutações que por coincidência acabariam favorecendo um espécime ao seu meio, tornando-o mais viável que seus semelhantes.

Este novo argumento surgiu devido a proposta da seleção natural ter sua origem na observação da seleção artificial que o homem aplica na criação de animais e no cultivo de plantas premiadas, de modo a buscar uma raça especializada, como um cavalo ultra-veloz, ou uma ave com penas de cauda mais longas, ou flores com cores exclusivas.

O método consiste em se buscar um indivíduo que reúna os melhores traços de seus progenitores. Entretanto, chega-se a um limite, ainda não compreendido pelo homem, além do qual não se consegue passar, e os resultados se revertem ao ponto do animal ou da planta originais. Assim, por exemplo, pássaros de excelente linhagem nascem estéreis, ou botam ovos dos quais nascem filhotes com traços vulgares, se comparados com os pais.

Do mesmo modo, tem-se observado que mesmo mutações favoráveis, que são raríssimas, uma vez que seriam necessárias entre mil e um milhão de gerações para que se mudasse definitivamente um único gene (o homem possui aproximadamente 20.000 genes!), acabam se revertendo, através das gerações, à criatura original. Assim, nem mutação nem seleção natural se consistem em fator científico, por mais que os falsos mestres os camuflam a seus alunos.

IV – IRRADIAÇÃO ADAPTATIVA

Entretanto, acreditando em todas estas possibilidades, o evolucionismo diz que *“por isolamento e adaptação, pequenos grupos de animais, em épocas diferentes e locais variados, poderiam acabar se diferenciando da população principal dando origem inicialmente a raças e depois a espécies completamente isoladas. Evidentemente, uma vez que cada nova espécie se adaptou a um ambiente específico, suas características a diferenciaram das demais. Mas sempre encontraremos alguns pontos de contato com a espécie original comum”*. Esta é a definição da irradiação adaptativa.

V – O HOMEM VEIO DO MACACO?

Pela irradiação adaptativa é que procuram explicar que o homem não veio exatamente do macaco, mas que, tanto ele como os macacos, antigamente eram uma única criatura, que variou com o tempo, tendo diferentes variações isoladas, as quais seguiram seus próprios rumos de adaptação, até que culminassem finalmente nas duas espécies hoje conhecidas. Ou seja, lá no passado longínquo, nós teríamos, segundo a teoria, um ancestral comum (por isso dizem que os macacos são nossos primos!?).

VI – A PALAVRA DAS ESCRITURAS

No relato bíblico encontramos o homem, despojado de seu estado original devido a queda, exatamente onde a arqueologia o encontrou: nas cavernas. Na Bíblia, encontramos que, tendo o homem caído, o Senhor o ensinou a se vestir de peles e viver da provisão que o campo lhe desse, sob árduo trabalho (Gn 3:18-21).

Mesmo nos relatórios da teoria da evolução, só encontramos traços de inteligência até ao ponto passado em que o homem habitava as cavernas, sabia cultivar a terra e caçar, possuindo os mesmos traços básicos do homem atual, inclusive o mesmo volume cerebral dentro da caixa craniana. O que os homens atuais encontram para trás deste homem antigo, não passa de restos de criaturas limitadas e, até onde se pode supor à partir de ossos escassos e semi destruídos, desprovidas de qualquer habilidade ou intelecto, não se encontrando traço algum que lhes dêem mérito acima de simples avós dos macacos atuais.

O relato bíblico diz que o homem foi o último ser vivente a ser criado por Deus, portanto todos os outros seres antes dele, inclusive os símios (macacos), seriam naturalmente mais antigos, como os fósseis comprovam.

VII – AS VARIAÇÕES EXISTEM

A própria Bíblia diz que originalmente houveram apenas um homem, o qual certamente tinha certa estatura, certa cor de pele, etc..., também admite variações na cor da pele (Jr. 13:23), na estatura (Nm 13:33), e até entre irmãos gêmeos (Gn 27:11), portanto, as Escrituras admitem as variações dentro de uma espécie, entretanto nunca passando dos limites que preservam suas linhas gerais.

Os cientistas cristãos concordam que os animais atuais são variações daqueles criados originalmente, mas sempre dentro daqueles limites, os quais impedem que um cavalo deixe de ser cavalo e se torne numa baleia, limites estes que nenhum homem jamais viu criatura nenhuma transpor, nem provar cientificamente que alguma o tenha feito em qualquer tempo.

Hoje vemos que muitos animais, como ocorre como o homem em suas várias etnias, possuem muitas variações dentro de sua espécie. Lembre quantos tipos de cães, gatos e cavalos, por exemplo,

existem sem entretanto deixarem de pertencer às suas respectivas famílias. Acreditamos que eles também são variações dos animais originais criados por Deus, embora na maioria já extintos (como os abundantes répteis aquáticos – Gn 1:21). Nenhuma prova concreta conseguiu provar o contrário, até hoje.

CONCLUSÃO

Mais esta vez concluímos que os capítulos da evolução aqui estudados estão em concordância com os anteriores no tocante a imaginação e adoção de um entre os milhões de caminhos que as criaturas, animais e vegetais, sem Deus e pela obra do acaso, teriam seguido para atingir suas formas e estados atuais.

O reforço que utilizamos em nossas refutações se motivam pelo desejo que tivemos em fornecer aos cristãos uma resposta àqueles, falsos mestres, que impondo suas opiniões e usando abusivamente sua autoridade, obrigam a que todos aceitem uma teoria como verdade comprovada, e não raro, humilhando aqueles que fizeram outra opção de escolha quanto as nossas origens, em especial os cristãos, que crêem na Obra Soberana, comprovável pela simples observação da engenhosa complexidade da Criação (Rm 1:20).

PERGUNTAS PARA REVISÃO

- 1) Qual a conclusão das observações de Darwin e o problema do qual a teoria foge à explicação?
- 2) Dê um exemplo de mutação e porquê ela não é uma boa explicação para a variação das espécies;
- 3) Quantas gerações seriam necessárias para se alterar um único gene?
- 4) A Bíblia admite as variações das espécies? De que modo?

lição 4

___/___/___

A BÍBLIA E A CIÊNCIA

Estudo 4 — A Teoria da Evolução — Parte IV

Texto-Base: Neemias 9:6

Textos para Meditação Semanal:

2ª Feira: Jô 38:4

5ª Feira: Gênesis 1:1-31; 2:19a

3ª Feira: Romanos 1:20

6ª Feira: Hebreus 11:3

4ª Feira: Êxodo 20:11

Sábado: Colossenses 1:15-17

INTRODUÇÃO:

Finalizando nossa série de lições, relataremos nesta o processo da Criação, ainda que, por causa do pouco espaço, sem poder justificar cientificamente todos os pontos combatidos pelos evolucionistas. Desta forma, recomendamos a leitura do livro *No Princípio... de E. H. Andrews — ed. Fiel*, por ser idôneo e de fácil assimilação, o qual usamos nas pesquisas deste trimestre.

I. No Princípio

A Bíblia afirma que *“No princípio criou Deus os céus e a terra”*, e mesmo a ciência concorda que o universo teria aparecido primeiro que a terra. Alguns tentam acusar contradição nos versos de Gen 1:14,18 onde, aparentemente, o universo, o sol e a lua teriam sido criados depois da terra, no quarto dia da Criação. Mas, observando Gen 1:1 e o verso de Neemias em nosso texto-base, cremos que no princípio, foram criados os céus e a terra, nessa ordem.

Contudo, devemos dizer que as leis da natureza só existiram depois dela ter sido criada, e que antes disso, Deus poderia ter usado qualquer método para criar todas as coisas, e quem poderia objetar, sem ter podido estar presente, para contestar? (Jó 38:4).

O que queremos demonstrar é que mesmo tendo que reconhecer Deus como livre em suas decisões e métodos, contudo, podemos provar que tudo poderia ser humanamente explicado (Rom 1:20). Desta forma, apresentaremos aqui uma das versões mais aceitas pelos cristãos, e algumas de suas ressalvas.

II. Os Seis Dias da Criação

Muitos indagam se os seis dias englobam “o princípio”, ou se começaram com a terra já existindo, embora sem forma. Muitos usam o verso de Exo 20:11 para dizer que sim, mas outros, que só haveria sentido em se considerar algum “dia” após ter sido criada a luz e esta ter recebido esse nome (Gen 1:5).

Uma posição conciliadora diz que o primeiro dia inclui tudo o que aconteceu antes da luz ser criada sobre a terra, em acordo com Exo 20:11. Se assim foi, então o primeiro dia poderia ter durado muito mais que os demais, pois não foi medido com o tempo entre uma manhã e uma noite.

Os outros dias, entretanto, aparecem com os limitadores tarde e manhã (Gen 1:13), sugerindo que sua duração seria semelhante a dos dias de hoje. Contudo, após a divulgação dos estudos de Albert Einstein, o conceito de tempo sofreu uma grande mudança no pensamento humano, pelo que aqueles dias, em certo modo, poderiam ter sido muito mais ou muito menos duradouros quanto prevemos simplesmente pela atuação de uma grande força gravitacional. A Bíblia parece concordar quando declara que “*aquilo que vemos não foi feito do que é aparente*” (Heb 11:3).

Como vínhamos, o segundo e o terceiro dia não contavam com a luz do sol, pelo menos não de forma manifestada no firmamento (pois também se crê que talvez o sol tivesse sido criado como sendo a luz do segundo dia, mas que só apareceu entre as densas nuvens do firmamento, no quarto), mas em outro caso, pode ter vindo de qualquer outro astro brilhante. A certeza é que a luz existiu sob o simples comando de Deus.

A. O primeiro dia

Não se sabe como Deus formou a terra. A Bíblia começa declarando que Ele a criou no princípio, passando a descrevê-la com sendo sem forma e vazia. Este estado não quer dizer que não fosse redonda, acredita-se que o era, mas vazia, sem continentes, montanhas, vales, ou oceanos.

Quando se lê “Então disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gen 1:3), muitos perguntam se teria sido a criação inicial da luz, ou quando ela incidiu pela primeira vez na terra. Mas se o universo foi criado antes, então a luz já existia, ainda que não conseguia penetrar as trevas que envolviam a terra.

B. O segundo dia

O segundo dia foi marcado pela separação das águas que estavam na superfície terrestre e a que se encontrava acima dela. Esta separação, ou expansão, recebeu o nome de céu, ou firmamento. Na versão mais aceita, no princípio as águas envolviam a terra no estado líquido e também na forma de grossas nuvens que impediam a passagem da luz. Então no segundo dia, Ele estabeleceu um espaço entre as águas de baixo e as de cima, criando “a expansão” (Gen 1:7), tornando as nuvens translúcidas, para permitirem a passagem da luz, embora ainda impedindo que o sol e a lua fossem observados da terra.

C. O terceiro dia

Neste dia, sob a ordem de Deus, a terra seca surgiu do meio das águas, forçando-as a se agruparem em oceanos. Uma explicação cientificamente possível seria uma contração do núcleo da terra, que forçaria a crosta submersa a se enrugar, expondo sua parte dura acima das águas, as quais escoando, se alojariam nos vales, expondo as colinas.

D. O quarto dia

No relato da Criação, a perspectiva dos acontecimentos se dá à partir da terra. É importante observar isso para que se compreenda mais facilmente o que teria havido nesse dia. É somente deste ponto de vista que se torna possível dizer que o sol, a lua e as estrelas teriam aparecido no céu depois de ter sido criada a terra. Em Gen 1:14 observamos na frase “...haja luzeiros na expansão dos céus...” que essa obra se deu no espaço entre as águas de cima e as de baixo, ou seja, na atmosfera, e não no universo.

Daí se tem o entendimento que no quarto dia ocorreu o posicionamento, ou a aparição visível dos corpos celestes à superfície do globo, o qual se justifica por três argumentos:

1. A noite e o dia já havia sido definidos e este verso diz que o sol e a lua foram criados para esta finalidade;
2. A escritura diz que Deus criou “os céus e a terra” e não “a terra e os céus”;
3. A luz foi criada no primeiro dia e procedia do espaço exterior à terra, sendo parte da criação.

E. O quinto dia

A revelação das escrituras é que a criação dos seres vivos se iniciou no mar e nos ares, primeiro pelas baleias e répteis marinhos e depois pelas aves. De fato, a abundância daquele dia é vista ainda hoje por grandes penhascos costeiros totalmente formados por esqueletos de minúsculas criaturas marinhas, em vários lugares.

F. O sexto dia

Neste dia o Senhor criou todas as criaturas terrestres. Em Gen 2:19 lemos que Ele os formou “da terra”, o que, sem dúvida sempre perturbou os mais céticos, mas hoje em dia a ciência já descobriu que as coisas vivas são constituídas exatamente dos mesmos elementos que formam a terra, suas rochas e a atmosfera.

F-a . A criação do homem e da mulher

Neste dia Deus criou também o homem. Seu corpo, como os corpos dos animais, foi tirado da terra, estabelecendo uma igualdade entre ele e os animais no tocante a um ser vivente. Entretanto, quando Deus ergueu o primeiro varão “do pó” Ele não o trouxe à existência pela ordem “haja” como o foi com os animais.

Ele meditou e fez com que o primeiro homem fosse à sua imagem e semelhança. Desta forma, Adão não recebeu somente um corpo e um cérebro, mas também uma mente e um espírito. E para definir este particular, damos a palavra ao irmão e cientista, Prof. Edgar Andrews: *“Animais possuem corpos tão belos e maravilhosos como os nossos. Como nós, eles têm inteligência. Eles são capazes de aprender e demonstrar seus sentimentos a nós e a outros animais. Mas somente seres humanos possuem mentes capazes de pensar e descobrir suas próprias personalidades. Mais do que isto, somente seres humanos distinguem o certo do errado, o que significa que possuem uma consciência. Por último, a Bíblia afirma que seres humanos são dotados de uma natureza divina ou espiritual que nos torna totalmente diferentes mesmo das criaturas mais inteligentes criadas na face da terra”*.

A criação da mulher encerrou a obra do Criador. A Bíblia relata que o Senhor a formou à partir de uma das costelas de Adão. Muitos já zombaram das escrituras por causa deste relato, mas hoje a ciência já sabe que em todos os seres viventes, em todas as células de seu corpo, estão guardadas em pequenas cadeias, chamadas DNA, todas as suas características físicas, como estatura, textura da pele, cor dos olhos, quantidade de membros, etc... A obra do Criador aconteceu, no caso da mulher, à partir de células vivas, e de tal modo que, se desejasse, Deus poderia ter criado Eva à partir de qualquer parte do corpo de seu esposo.

Conclusão

Examinando com cautela o que nos revela a Palavra de Deus e o que pregam os homens a respeito de nossas origens, concluímos que, apesar das Escrituras se preocuparem muito mais com o fim do que com a origem dos homens, encontramos em ambos, alguns pontos coincidentes.

Veja-se que na Criação e na evolução, entre outros detalhes, encontramos as seguintes concordâncias:

1. A vida veio “do pó”;
2. Os animais existiram primeiro que o homem (inclusive os macacos);
3. A bio-diversidade original era muito mais abundante;
4. A maioria dos seres viventes morreram em certa época, enterrados na lama (fósseis);
5. Existem variações nas espécies (poder de adaptação);
6. O homem habitou as cavernas e viveu exclusivamente do campo e dos animais.
7. Nenhum homem estava presente quando cada elemento assumiu o seu lugar.

Por estas indicações vemos que o homem está apenas re-contando a história, acrescentando-lhe o preço de bilhões de anos que custaria o surgimento da vida pelo acaso, ou diga-se, do surgimento dos corpos pelo acaso, pois os cálculos matemáticos contabilizaram apenas as combinações orgânicas dos seres, pois não são capazes de saber em que ponto de uma combinação molecular, a condição de existência da vida seria satisfeita.

Assim concluímos que, não havendo um único homem para testemunhar o princípio ou a ordem dos fatos na história da existência da maioria dos seres vivos, mas contemplando a obra da criação (Rom 1:20) e a alegria de se ter uma vida cotidiana regular com Deus, a teoria da evolução não é mais que fruto e reflexo do distanciamento da raça humana de sua verdadeira origem: a posição de imagem de Deus, perdida em Adão, mas reconquistável em Cristo (leia Col 1:15-17).

Perguntas para Revisão

1. Quantos dias durou a Criação?
2. Qual a duração destes dias?
3. Por que a luz só teria aparecido no céu no quarto dia?
4. Em que dia Deus criou o homem e a mulher?
5. Seria cientificamente possível Deus ter criado a mulher à partir da costela de Adão?

